



Bruno Magliari Carvalho Ribeiro

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**ENTRE IMAGENS : UMA PERSPECTIVA IMAGÉTICA DA NARRATIVA
ANTI-TERRORISTA NO PÓS 11 DE SETEMBRO**

Orientador: Sérgio Veloso

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais**

**Rio de Janeiro
2023.2**

Resumo

Este artigo tenta entender como as imagens se configuram como uma ferramenta para o entendimento de circunstâncias históricas e discursivas. Mais especificamente, como no contexto do atentado do 11 de setembro as imagens dos aviões colidindo contra o World Trade Center e as que se sucederam foram disseminadas pelo governo norte americano de maneira a difundir noção de guerra ao terror.

Palavras-chave: Imagem, Terrorismo, Curadoria, 11 de setembro.

Abstract

This article tries to understand how images are configured as a tool for understanding historical and discursive circumstances. More specifically, as in the context of the September 11th attack, the images of planes crashing into the World Trade Center and those that followed were disseminated by the US government in order to spread the notion of war on terror.

Keywords: Image, Terrorism, Curatorship and 9/11

Sumário

Seção 1: Introdução	1
Seção 2: Curadoria de Imagens e Discursos na Era do Terrorismo: Aprofundando as Abordagens de Aby Warburg e Michael Shapiro	4
Seção 3: Manipulando as imagens	6
Seção 4: Uma coleção para terror e ódio	7
Seção 5: Warburg e uma pista para as curadorias do terror	9
Seção 6: As Curadorias	10
Seção 7.1: Primeira curadoria: “você lembra onde estava?”	11
Seção 7.2: Segunda curadoria: “o que faço aqui?”	16
Seção 7.3: Terceira curadoria: “como domar um cavalo?”	21
Seção 7.4: Quarta curadoria: “conseguem me ouvir?”	25
Seção 7.5: Quinta curadoria: “quem é aquele caindo?”	29
Seção 8: Considerações Finais	33
Referências	34

Seção 1: Introdução

Tendo como partida o contexto do atentado às torres gêmeas, este artigo tenta entender como as imagens aplicam-se como uma ferramenta generativa de políticas internacionais naquele contexto. A partir de 8 fotografias lançadas pela edição de memória da Magnum Photos Magazine, “20 years on: Remembering The 9/11 Attacks” e duas outras fotografias outras fontes, este ensaio vem como uma tentativa de aplicar uma análise imagética ao tratamento do atentado e suas implicações na política antiterrorista. A questão central do presente artigo é elencar uma curadoria (seleção) de imagens que relacionam fotografias para explicar como o governo dos Estados Unidos disseminou tal pauta nas instituições internacionais. Em especial, o estudo desnuda a estratégia de divulgação norte-americana com objetivo de cooptar a opinião pública. Através das imagens o ensaio deixa essa estratégia evidente.

As imagens dos aviões colidindo nas torres foram gravadas por câmeras de vigilância e por muitas pessoas que presenciaram o ataque. Elas se tornaram uma representação icônica do atentado e foram amplamente divulgadas pela imprensa em todo o mundo. As imagens são extremamente poderosas e chocantes e têm um efeito emocional profundo em quem as vê (Lima, 2005). As imagens também tiveram um impacto significativo na forma como o atentado foi percebido e lembrado. Elas tornaram o ataque mais real e tangível para pessoas que estavam longe do local do atentado e permitiram que o mundo testemunhasse a escala da tragédia em tempo real. Além disso, as imagens também foram usadas como evidência nos julgamentos de muitos dos conspiradores do ataque, e foram importantes para a investigação e condenação dos responsáveis pelo ataque. A partir do 11 de setembro, a intensidade do discurso antiterrorista muda seu teor com as fricções e sentimentos de ódio que convulsionam através do atentado das torres gêmeas. Essa mudança de tom pode ser

percebida no seguinte trecho:

“Nossa estratégia também reconhece que a Guerra ao Terror é um tipo diferente de guerra. Desde o início, tem sido uma batalha de armas e uma batalha de ideias. Não apenas combatemos nossos inimigos terroristas no campo de batalha, mas também promovemos a liberdade e a dignidade humana como alternativas à visão perversa dos terroristas de opressão e governo totalitário. O paradigma para combater o terrorismo agora envolve a aplicação de todos os elementos de nosso poder e influência nacionais. Não apenas empregamos poder militar, usamos atividades diplomáticas, financeiras, de inteligência e de aplicação da lei para proteger a Pátria e estender nossas defesas, interromper operações terroristas e privar nossos inimigos do que eles precisam para operar e sobreviver” (ESTRATÉGIA DE SEGURANÇA NACIONAL PARA O COMBATE AO TERRORISMO, 2006-citado por Santos, 2019).

A data do 11 de setembro de 2001 é lembrada por todos os contemporâneos aos fatos que antecederam e se sucederam aquela trágica manhã de terça-feira. Poucas datas na história moderna são lembradas como o 11 de setembro, no Brasil o 7 de setembro (Independência), nos Estados Unidos o 4 de julho (Independência) e na França o 14 de julho (Queda da Bastilha) (Mello e Souza, Nasser & Moraes, 2014). Osama bin Laden, líder do grupo islamita Al-Qaeda, o acusado pelo serviço de inteligência americana já estava na lista do Federal Bureau of Investigation (FBI) há alguns anos. Oficialmente, em 1998, procurado pelos atentados as embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia, Bin Laden já expressava a polarização entre o ocidente (civilização judaico-cristã) e o mundo islâmico, ou pelo menos parte dele (Wellausen, 2002). Osama 20 anos antes já havia declarado guerra ao império americano através de uma fatwa (pronunciamento islâmico), só que naquela ocasião pouca importância foi dada ao fato. Osama bin Laden na ocasião era pautado pela permanência das tropas americanas na Arábia Saudita (crítica), e o quadro foi agravado no início da década de 90 com a expulsão das tropas de Saddam Hussein do Kuwait (Fisk, 2001).

Os acontecimentos que tomaram curso depois do ataque as torres gêmeas podem ser divididos dentro de uma temporalidade. As decisões mais imediatas estariam associadas a um aumento total nas condições de segurança das fronteiras americanas. Esse aumento nos procedimentos e controles internos permanecem até os dias de hoje.

Internamente o presidente George Walker Bush vê sua popularidade explodir após ao ataque das torres. Essa popularidade serve de alavanca para as medidas que viriam a médio e longo prazo. Ainda no curto prazo Bush assina a Lei Patriótica que visava ampliar a vigilância sobre chamadas telefônicas e comunicação por email. Nesta ocasião Bush cria o Departamento de Segurança Interna (Department of Homeland Security, 2002) com um poder absoluto. Este departamento entre outras atribuições também fomentou a comunicação com outros setores do governo, aumentando exponencialmente a cooperação interna e seus aliados externos (Department of Homeland Security, 2019).

As ações que se sucederam tiveram uma repercussão profunda nas relações entre países no que tange segurança internacional, em especial, entre a civilização judaico-cristã e o islã. O primeiro movimento externo do governo Bush foi caçar bin Laden que havia se refugiado no Afeganistão, juntamente com a Al-Qaeda. O Afeganistão era controlado por um grupo fundamentalista sunita denominado de Talibã (Mello e Souza & Fracalossi de Moraes, 2015). Inicialmente, George Bush solicitou que o regime do Talibã rendesse Osama ao Estados Unidos e fechasse os campos de treinamento da Al-Qaeda, mas, o regime sunita não atendeu aos apelos do presidente. Esse posicionamento era o que faltava para o governo Bush junto com outros países liderassem uma enorme investida militar contra o grupo sunita que governava o Afeganistão (Weitsman, 2003). Esta iniciativa foi batizada de “Operação Liberdade Duradoura” (Operation Enduring Freedom, OEF). Este título foi muito bem aplicado uma vez que a operação no Afeganistão se estendeu até 2014, e realmente os americanos só terminaram suas atividades em 2021 no governo de Joe Biden.

Seção 2: Curadoria de Imagens e Discursos na Era do Terrorismo: Aprofundando as Abordagens de Aby Warburg e Michael Shapiro

Esta seção se debruça sobre a importância das metodologias de Aby Warburg e Michael Shapiro na análise e curadoria de imagens, especialmente no contexto sensível e politicamente carregado das Relações Internacionais e do terrorismo. As abordagens desses dois intelectuais servem como pilares para a investigação proposta aqui, que não se limita a analisar o atentado de 11 de setembro de 2001, mas se estende à complexidade da situação do terrorismo em si (Rodrigues dos Santos, 2019; KOSSOY, 2022).

Aby Warburg, um historiador da arte alemão do início do século XX, é amplamente reconhecido por sua "Mnemotécnica das Imagens" e sua coleção de imagens, a "Bilderatlas Mnemosyne". Warburg propôs uma metodologia interdisciplinar que rompe as fronteiras da história da arte, trazendo contribuições da antropologia, filosofia e literatura para a análise (Cardim, 2007). Em sua visão, imagens não são meros adornos estéticos; elas têm o poder mnemônico de evocar memórias e associações diversas. A organização de seu atlas, composto por painéis de madeira com imagens de diferentes períodos históricos e culturais, revela uma tentativa de rastrear a evolução de temas e símbolos ao longo do tempo.

Michael Shapiro, por outro lado, oferece uma abordagem que relaciona diretamente imagens à cultura e à história, reconhecendo sua inserção em contextos sociais e políticos específicos. Shapiro argumenta que as imagens funcionam como expressões culturais, cujos significados são moldados tanto por suas formas e conteúdos como pelos ambientes em que são produzidas e recebidas (Shapiro, 1989; 2007). Ele expande essa visão ao desenvolver a "Iconologia Social", que explora como a arte e as imagens podem ser utilizadas para expressar, negociar, e até contestar questões políticas e sociais (Shapiro, 1989).

A síntese dessas abordagens nos leva à noção de "curadoria intelectual". Aqui, a curadoria de imagens é entendida não apenas como uma seleção e organização de obras, mas como um exercício interpretativo que vai além do estético. Ela se torna um mecanismo para entender a construção discursiva e as narrativas que circundam o terrorismo e a segurança internacional. Assim como Warburg utilizou sua "Mnemotécnica das Imagens" para conectar diferentes períodos da história da arte e revelar transformações e conexões ao longo do tempo, a curadoria neste projeto de pesquisa busca desvelar os mecanismos de construção e manipulação do discurso antiterrorista nos Estados Unidos, pós-11 de setembro (Didi-Huberman, 2013).

A importância da curadoria se torna ainda mais evidente ao considerar o impacto das imagens na política contemporânea. Utilizando uma "colagem referencial" de fontes e fotografias, este trabalho ressalta a centralidade da imagem como um aparato sintomático para compreender o período discursivo pós-11 de setembro (KOSSOY, 2022). A seleção e organização dessas imagens, guiadas pelas abordagens de Warburg e Shapiro, buscam iluminar como a mídia e os órgãos governamentais dos Estados Unidos instrumentalizaram o discurso visual para promover uma agenda de securitização alinhada com seus interesses geopolíticos.

Finalmente, é crucial lembrar que, como Shapiro argumenta, as imagens e os textos são "textualizados" dentro de um contexto político específico. Eles não são apenas reflexos de uma realidade social, mas atores ativos na construção dessa realidade (Shapiro, 1989). Da mesma forma, Warburg via as imagens como "memórias sociais", o que reforça a ideia de que elas não são entidades isoladas, mas parte integrante do discurso social e político (José Geraldo de Oliveira, 2016).

Em resumo, o estudo e a curadoria de imagens, fundamentados nas ricas abordagens de Warburg e Shapiro, oferecem uma lente crítica e multidimensional para

examinar como imagens e discursos sobre o terrorismo são construídos, manipulados e recebidos. Isso contribui para uma compreensão mais profunda e contextualizada desse fenômeno altamente complexo e multifacetado.

Seção 3: Manipulando as imagens

A colisão de dois aviões contra o World Trade Center (WTC) e a detonação de uma bomba no Pentágono marcaram uma transformação significativa na representação imagética do terrorismo. A cenografia resultante desses ataques dramatiza o terrorismo em uma escala sem precedentes. Neste contexto, os Estados Unidos se apropriaram dessas imagens para construir uma narrativa centrada na segurança nacional, incorporando a agenda antiterrorista em suas políticas domésticas e externas (Rancière, 2001).

As imagens impactantes, como a colisão dos aviões e pessoas pulando dos prédios, incutiram repulsa, ódio e medo na população estadunidense. Apesar de a Al-Qaeda inicialmente negar responsabilidade pelos ataques, a opinião pública norte-americana pressionou o governo a usar essas imagens para justificar ações contra grupos terroristas e seus líderes, com foco em Osama Bin Laden (Rancière, 2001).

O terrorismo, enfatizado como um mecanismo extremo de manipulação emocional, tornou-se um catalisador para o estabelecimento de um regime internacional de vigilância antiterrorista e a preparação para a guerra. O governo dos EUA capitalizou a ausência de uma imagem concreta do inimigo para criar uma série de representações midiáticas que caracterizam e estereotipam a figura do "terrorista" (Baudrillard, 2002).

Respondendo à pergunta feita por Rancière, "de uma imagem à outra?", a resposta é afirmativa. Imagens históricas são frequentemente usadas para legitimar e estimular as imagens contemporâneas. Em um discurso sobre os esforços militares no

Afeganistão, George W. Bush recorreu a um provérbio do Velho Oeste, "morto ou vivo", para simbolizar a abordagem dos EUA em relação aos terroristas. Este apelo ressoou fortemente com o público, alimentado por uma cultura saturada de narrativas do Velho Oeste (Baudrillard, 2002).

Esta pesquisa procura identificar os tipos, intensidade (midiática e estratégica) e os métodos pelos quais as imagens pós-11 de setembro mudaram a forma como as grandes potências e a sociedade civil global encaram o inimigo. Ela explora como o terror é entendido não apenas como uma declaração política, mas também como um gênero literário e artístico de produção de imagens, focando na criação de um sentimento de medo em relação a um inimigo ainda não completamente definido no consciente popular (Baudrillard, 2002).

Seção 4: Uma coleção para terror e ódio

O vínculo entre terror e imagem é inegável, pois imagens têm o poder de evocar sensações de medo e horror. Essas imagens podem incluir cenas de violência, morte, e entidades sobrenaturais, e são frequentemente empregadas em filmes, livros e jogos de terror. Além disso, essas imagens podem causar traumas psicológicos e emocionais, principalmente em pessoas mais sensíveis ou que já tiveram experiências traumáticas (José Geraldo de Oliveira, 2016).

No contexto político, as imagens atuam como vetores de persuasão, moldando as atitudes dos atores envolvidos. Elas são tanto produzidas quanto consumidas, e o modo como são inseridas no cotidiano tem implicações significativas. Por exemplo, uma criança exposta a imagens de monstros pode desenvolver hábitos específicos ao dormir ou ao apagar as luzes, evidenciando o impacto inicial dessas imagens (Kossov, 2022).

As imagens também são fundamentais para a construção da memória, que por

sua vez, é crucial para a política. Este entrelaçamento entre imagem e memória é essencial para a formação do conhecimento, tornando as imagens vitais para a compreensão de fenômenos ou períodos históricos específicos. Neste projeto de pesquisa, esse aspecto é particularmente relevante para entender como as imagens foram utilizadas na construção do discurso antiterrorista pós-11 de setembro de 2001 (José Geraldo de Oliveira, 2016).

Este estudo utiliza um acervo de fotografias e registros para entender como os Estados Unidos, começando com o governo Bush e continuando com administrações subsequentes, usaram imagens para fundamentar suas políticas antiterrorismo tanto no âmbito internacional quanto doméstico. A memória formada por esse conjunto de imagens direciona as ações das agências da sociedade civil global, estabelecendo uma lógica para a guerra contra o terror (José Geraldo de Oliveira, 2016).

Seguindo o pensamento de José Geraldo de Oliveira, que distingue entre memória natural e memória artificial, este trabalho se concentra na maneira como uma memória artificial foi criada e consolidada pelo governo dos Estados Unidos. Essa memória foi elaborada para interpretar o terrorismo global de uma forma específica, focando na personificação de um inimigo a ser combatido. Não é artificial no sentido de ser falsa, mas sim no de ser cuidadosamente construída para direcionar a memória coletiva (Kossoy, 2022).

Assim, a memória, formada pela organização das imagens, constitui tanto o conhecimento quanto a prática social e política. Este trabalho, portanto, utiliza imagens para entender como o governo dos Estados Unidos orquestrou um cenário internacional, justificando ações extra-territoriais e incentivando um estado global de securitização (José Geraldo de Oliveira, 2016).

Seção 5: Warburg e uma pista para as curadorias do terror

Aby Warburg foi um historiador da arte alemão que é mais conhecido por sua coleção de imagens e por seu método de análise e interpretação das imagens, conhecido como "iconologia". A coleção de imagens de Warburg, também conhecida como "Bilderatlas Mnemosyne", consistia em uma série de painéis de madeira que continham imagens de diferentes períodos históricos e culturais, dispostas em uma ordem não-linear e livre.

O objetivo da coleção era explorar as conexões entre diferentes culturas e períodos históricos e rastrear a evolução de temas e símbolos ao longo do tempo. Warburg acreditava que as imagens eram uma forma de registro cultural que poderia revelar insights importantes sobre a psicologia humana e a evolução do pensamento humano. A coleção de imagens de Warburg foi uma influência importante sobre a história da arte e a teoria da cultura visual. Seu método de análise e interpretação das imagens é ainda utilizado por muitos historiadores da arte e teóricos culturais hoje em dia.

A curadoria é uma prática que envolve a seleção, organização e apresentação de conteúdos, com o objetivo de criar uma experiência significativa para o público. Partindo de Aby Warburg como um método ou uma técnica de pesquisa, a colagem referencial das fontes das quais estou me embasando enfatizam a imagem como centralidade no movimento de pesquisa, trazendo autores que carregam o sentido imagético como fundamental para o entendimento de um contexto e período histórico. A tentativa aqui é elencar escritos que me tragam a perspectiva da imagem como um aparato sintomático para a compreensão de uma época discursiva, no caso a construção

de segurança antiterrorista seguidas do 11 de setembro (KOSSOY,2022). Através dessa colagem de fotografias, - justificados pela metodologia do projeto - a imagem ou “representações”, como elucida Shapiro (1989), leva à xeque o tom em que autores das relações internacionais vão colocando as pautas que circundam o dialogo acadêmico do terrorismo:

“Much of modern literary theory operates with the recognition that literary texts have a mediated relationship with the social reality they represent, that indeed what is “social reality” emerges in the writing of the text and bears traces of its previous constructions in the history of the literary genre. [...] Therefore, the social world given to us by the modern novel, for example, results from characteristic ways of representing gender, family, and social relations, and these novelistic representational practices are governed to a large extent by the evolving rules of representation characteristic of the novelistic genre; they are not simply commended by an immediate social context” (Michael J. Shapiro, Textualizing Politics - 1989).

Lançando mão de imagens que se reproduziram no durante e pós 11 de setembro até a saída exército norte americano do Afeganistão, a pesquisa intenta tensionar uma narrativa crítica ao aporte discursivo, lembrando aqui que imagem é discurso, com que os aparatos midiáticos e governamentais dos EUA potencializando, na sociedade civil e lideranças internacionais, um projeto de securitização enviesado a seus interesses.

Seção 6: As Curadorias

Como discutido anteriormente a curadoria envolve uma pré-seleção, arranjos das peças ou imagens, e exposição a uma específica audiência. Encontramos curadorias de diversas produtos, tais como: livros, música, vestuário, alimentação, meios digitais entre outros. A palavra “curadoria” é oriunda do latim “curare” que contempla o ato de cuidar de alguém ou de algo (Magalhães & Costa, 2021). O objetivo desse “cuidado”, no

sentido de pré-selecionar e zelar, faz parte de uma multi-estratégia mercadológica com sentido de apoderar-se de uma certa audiência. Neste sentido, por isso que a seleção, ordenamento e entrelaçamento das peças ou imagens são de enorme importância. Esta seleção e organização tem o intuito de fazer uma certa audiência “perceber” uma mensagem determinada dentro do enorme “ruído global” que são as diversas informações disponibilizadas nos dias de hoje (Claire, 2015). As curadorias não são de forma alguma teorias conspiratórias, mas sim, uma estratégia de seleção e exposição adequada de um conteúdo em algum campo. A ideia de agrupar e cuidar de objetos são hábitos antigos que são mantidos desde os antigos gregos que já discutiam a essência da imagem (Rand & Kouris, 2007). Os estudos em historiografia e museologia entende que as coleções relacionadas a pintura estão associadas ao surgimento da pintura de cavaletes nos séculos XV e XVI (Magalhães, 2018). A opção dos cavaletes torna as pinturas em materiais que podem ser transportados, e conseqüentemente, aumentam o poder comercializar. As imagens seguem esta mesma lógica, de forma ainda mais simples, mas em uma quantidade enorme (Corrêa, 2013).

“Ao problematizar o papel do curador, o autor se coloca em outro lugar argumentativo, a saber, a construção de um cenário onde atores performatizam conflitos e adesões, motivados pelas vivências de circunstâncias objetivas e específicas de cada ação ou drama. Assim, o cenário seria constituído pelos equipamentos culturais (museus e galerias, centros culturais e a rua), os atores pelos curadores e críticos de arte, os gestores culturais e artistas e, por fim, a ação ou os dramas seriam as relações e motivações que constituem um tipo prática artística, seus produtos (as obras), a exposição desses e a história da arte contemporânea” (Ronaldo de Oliveira Corrêa, Uma breve história da Curadoria - Iluminuras, Porto Alegre, v.14, n.32, p.216-222, jan./jun. 2013).

Seção 7.1: Primeira curadoria: “você lembra onde estava?”

Segundo Bleiker (2018) “nós vivemos em uma era visual”. As imagens passam a ter uma importância enorme, e modelam o mundo que nos cercam. No presente momento adicionamos aos meios já existentes (fotografias, cinema e televisão) informações oriundas da tão aclamada “internet”. Além dos conteúdos disponibilizados por uma gama enorme de vídeos, temos também as redes sociais. Esse ambiente compõe o mundo que nos cerca. As imagens moldam nossas opiniões, costumes e hábitos e não poderia ser diferente no que tange aos aspectos políticos. As informações se propagam de forma rápida e são moduladas pelas imagens.

Qualquer aula de Neurociências que o tema seja memória irão lembrar do exemplo “onde você estava no 11 de setembro?”. Porque não conseguimos esquecer essa imagem? Na formação da memória de longo-prazo, toda vez que algo foge muito dos parâmetros de normalidade essas lembranças são eternizadas em nosso cérebro como um registro permanente e eterno. É exatamente o que trata a primeira curadoria. A imagem do World Trade Center desabando fica eternizada como um registro fiel de perplexidade, afronta e fragilidade norte-americana face ao terror. Depois do mundo assistir dois aviões em tempo real atingindo os dois prédios quase simultaneamente foi presenciado o colapso das duas torres. O impossível tinha acabado de acontecer. A fumaça representaria uma nova era em todo cenário mundial global. O cálculo preciso do ponto de desmonte tinha sido precipitado e com ele o símbolo do capitalismo moderno era colocado à prova. A divulgação de documentos oficiais pelo governo Joe Biden através do Bureau Federal de Inteligência (FBI) relata o apoio do governo saudita ao atentado. Um novo mundo de desconfianças, conspirações e intrigas surgia a partir da queda das torres gêmeas (Agência Brasil, 2021). De acordo com Jařab (2005), “terrorismo moderno é o terrorismo midiático”. A conhecida imprensa tradicional é obrigada pela própria existência da natureza de seu trabalho descrever e reportar os

fatos, a divulgação dos eventos é o que nutre o terrorismo moderno. O terrorismo moderno é produzido para causar o choque nas pessoas, e principalmente chamar atenção para causas. Existe um acoplamento entre a necessidade de a mídia divulgar e o alcance dos objetivos dos atos terroristas. As imagens icônicas das torres em queda livre alimentam as metas atingidas. Um outro aspecto também assustador sobre as imagens relaciona-se com a liberdade de expressão da própria imprensa. A mídia não pode ser silenciada em função dos acontecimentos. A liberdade de imprensa seria considerada uma das premissas de um mundo democrático livre.



Figura 1: Steve McCurry The collapse of WTC seen from a roof at Washington Square Park and Fifth Avenue, New York City, USA, September 11, 2001. © Steve McCurry | Magnum Photos



Figura 2: Thomas Hoepker USA. Brooklyn, New York. September 11, 2001. Young people relax during their lunch break along the East River while a huge plume of smoke rises from Lower Manhattan after the attack on the World Trade Center. © Thomas Hoepker | Magnum Photos

O atentado de 11 de setembro de 2001 foi um dos ataques terroristas mais graves e devastadores da história, que resultou na morte de quase 3000 pessoas e teve um impacto significativo na política internacional e na segurança global. As imagens reproduzidas dos aviões colidindo nas torres gêmeas do World Trade Center tornaram-se símbolos icônicos do ataque e tiveram um impacto significativo na percepção pública do evento. O momento do ataque foi capturado por diversas câmeras de televisão e amadores que estavam presentes no local e no momento do ataque.

Essas imagens foram transmitidas ao vivo para todo o mundo e reproduzidas inúmeras vezes nos dias e semanas seguintes do evento. As imagens se tornaram um símbolo do terrorismo e da violência, ajudando a criar uma narrativa visual que sustentou a indignação e a resposta internacional ao ataque. Elas tiveram um papel importante na investigação do atentado, permitindo aos investigadores identificar os aviões que foram usados como armas pelos terroristas e reunir evidências sobre o plano

do ataque. Além disso, as imagens dos aviões colidindo nas torres gêmeas foram usadas como evidência para os julgamentos sobre o 11 de setembro. **A segunda imagem não fica claro sobre o total entendimento da população sobre a gravidade do evento. Talvez o distanciamento do fato, ou seja, a fumaça provocada pela queda dos prédios. Esta fumaça de uma certa forma encobriria todos os eventos que estariam por se suceder com o passar dos dias.**

Seção 7.2: Segunda curadoria: “o que faço aqui?”

As torres gêmeas (World Trade Center) originais foram inauguradas em abril de 1973, situada na parte sul da ilha de Manhattan no centro financeiro de americano. A construção das torres foi sugerida por David Rockefeller (multimilionário americano). O complexo das torres localizado na parte sul da ilha fortalecia a ideia que Wall Street era o centro financeiro do capitalismo global. Um símbolo jamais esquecido pelos terroristas como um alvo fundamental no acirramento da assimetria entre duas ideias (Panitch & Gindin, 2012). A segunda curadoria desnuda a exata intenção do terror, ou seja, deixar em cinzas e poeira o símbolo do poder financeiro mundial e na sequência os desdobramentos da ação (Imagem 4) e o aumento da assimetria entre duas ideologias/religiões.

Naquela manhã de terça feira uma fumaça tomou conta da cidade de Nova York e era difícil enxergar o que estava à frente. Uma neblina densa de fuligem que vinha da região das torres assombrava a capital financeira global como se aquele lugar não emanasse mais o poder da potência mundial (Schneider & Hilzenrath, 2001). A dificuldade de orientação para o que realmente acontecia, trazia um estado de pânico e

histeria generalizada pelas ruas de Manhattan. Agora a fumaça que preenchia a cidade se fazia como uma condição mental para as pessoas que viviam aquele terror. Sem saber como proceder, quem estava naquele cenário, tentava encontrar qualquer pista que apontasse para o que acontecia. Às 8 horas e 46 minutos daquela manhã de sol, o movimento frenético da metrópole foi substituído pela histeria de sirenes de bombeiros e gritos de desespero que emergiram da perplexidade de uma visão catastrófica. Ali nada estava certo. De onde surgia aquele clima de horror ficava fora da imaginação de qualquer um que via as cenas retratadas pela colisão dos aviões. A suspensão de qualquer noção de segurança fazia prevalecer o medo constante e a insegurança mostrava o instinto para sobreviver.

Dentro do caos, pessoas buscavam nos escombros uma resposta para aquela sensação de desorientamento e dúvida que pairava pela neblina de fogo. A falta de um sentido fazia precipitar qualquer elemento como algo a se segurar e agarrar. O mais simples vestígio de segurança era como um amuleto para a sensação de que aquele pesadelo iria cessar. Diante de tamanha violência como achar uma resposta para o que estava acontecendo. Na imagem de Larry Towell traduz a perplexidade que tomou o homem na fotografia. Ao segurar um pedaço de papel, a pessoa na foto busca algum referencial que lhe indicasse um sentido qualquer diante de tamanha devastação. Nessa perspectiva a foto vem como uma forma de entender a relação entre as cinzas produzidas como um marco para a transformação do que viria nos anos seguintes. A imagem retrata uma forte mudança social, econômica e cultural que viria a acontecer no centro do capitalismo mundial.



Figura 3: Larry Towell USA. NYC. 9/11/2001. A dazed man picks up a paper that was blown out of the towers after the attack on the World Trade Center, and begins to read it. © Larry Towell | Magnum Photos

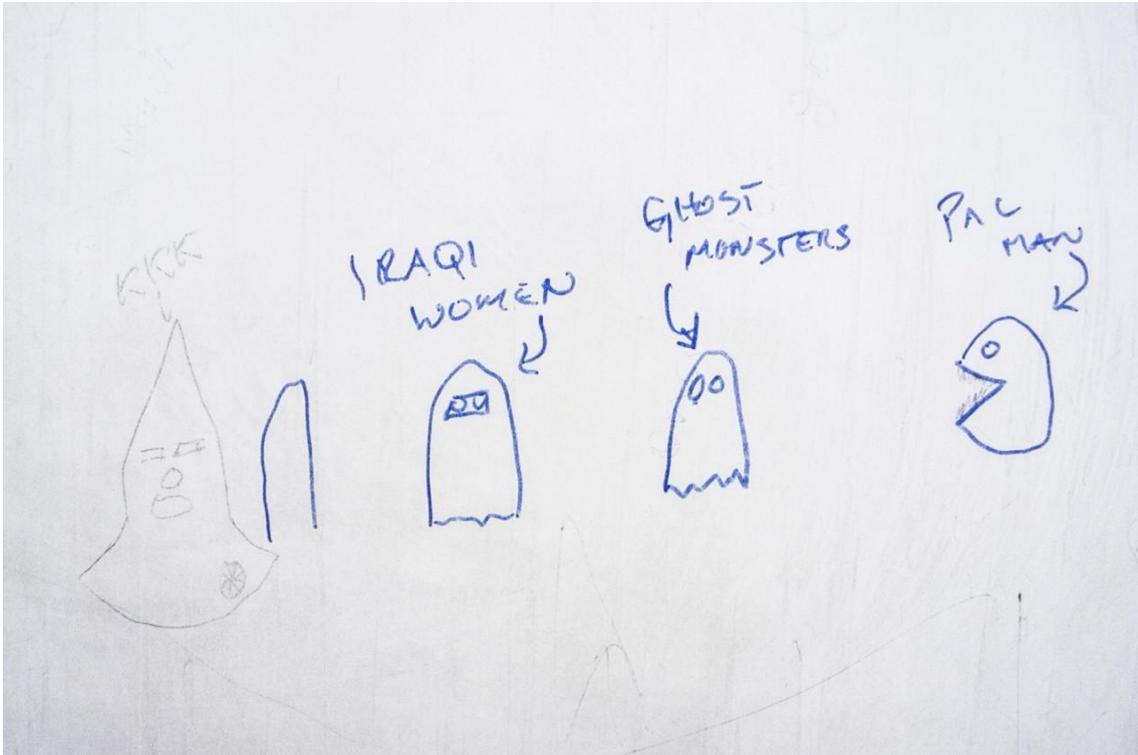


Figura 4: Peter van Agtmael Kuwait. Ali Al Salem. 2006. Graffiti written by soldiers on the walls of bathroom stalls. © Peter van Agtmael | Magnum Photos

A queda das torres gêmeas acontecerá há mais de 20 anos, e até agora a população mulçumana americana ainda sofre preconceitos em função do 11 de setembro. De acordo com Mineo (2021) houve um aumento do entendimento dos preceitos da religião islâmica, mas a islamofobia continua perseverando até hoje. O islamismo é uma religião praticada por mais de 1.5 bilhões de pessoas. O alcorão é similar a bíblia para os católicos (livro sagrado). Os mulçumanos acreditam que o alcorão transmite a palavra de Deus transmitida ao profeta Maomé. Os terroristas se baseiam em uma leitura fundamentalista do alcorão para justificar seus atos. A invasão do Afeganistão pelos Estados Unidos, em outubro de 2001, teve como objetivo

principal desmantelar a rede terrorista Al-Qaeda e seu líder, Osama bin Laden, que estavam abrigados pelo Talibã no país. O Talibã havia tomado o poder no Afeganistão em 1996 e havia fornecido apoio à Al-Qaeda, que era responsável por vários ataques terroristas em todo o mundo, incluindo os ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. O objetivo específico da invasão era derrubar o regime Talibã e capturar ou matar Osama bin Laden e outros líderes da Al-Qaeda que se encontravam no Afeganistão. **Na sua essência foram os próprios americanos que ajudaram, indiretamente, a criar o regime do Talibã a partir do conflito entre a União Soviética e o Afeganistão no final da década de 70.** Além disso, os Estados Unidos buscavam destruir as bases da Al-Qaeda e impedir que o grupo continuasse a operar e planejar ataques terroristas a partir do país. Após a invasão, os Estados Unidos lideraram uma coalizão internacional para apoiar o governo afegão e combater os grupos insurgentes, incluindo o Talibã. Durante os anos seguintes, a presença militar americana no Afeganistão se estendeu e incluiu a implementação de projetos de desenvolvimento e reconstrução do país. No entanto, a guerra prolongou-se por mais de duas décadas e tornou-se cada vez mais impopular entre os americanos, devido ao alto custo humano e financeiro e à percepção de que os objetivos iniciais haviam sido alcançados. A retirada das tropas americanas do Afeganistão, concluída em agosto de 2021, foi motivada, em parte, pela conclusão de que não havia mais uma ameaça direta à segurança nacional americana e pela necessidade de redirecionar recursos para outras prioridades nacionais.

A imagem elucidada novos paradigmas nas relações entre ocidente e oriente. Nesta segunda fotografia da curadoria, o desenho de soldados americanos na parede de um banheiro mostra como seria o tratamento aos estereotipados muçulmanos que se tornaram uma personificação do inimigo. Diversos eventos de perseguição religiosa tomaram lugar como uma reação aos atentados de 2001. A cultura muçulmana agora era

alvo de raiva e discriminação, impulsionada por um projeto de mídia norte-americana para estruturar suas vontades de política externa no oriente médio. No desenho da foto a guerra se torna um jogo. O clássico game “Pac Man” aparece como essa sede do soldado dos Estado Unidos de aniquilação do inimigo criado. A referência ao capuz da Ku Klux Klan remonta um enfrentamento racial e religioso, resgatando um passado norte-americano baseado em perseguição coletiva e ódio. Após o 11 de setembro todo um panorama de segregação foi revisitado e pulverizado como política internacional antiterrorista.

Seção 7.3: Terceira curadoria: “como domar um cavalo?”

A terceira curadoria retrata a busca incessante da população americana para possíveis explicações do ódio que ela provocava em outras culturas. A imagem traz à tona um longo debate sobre intervenções, ações, tramas e perseguições de sucessivos governos norte-americanos a diversas culturas e países, e a imposição de uma política de expansão de seus métodos de controle. **O antiamericanismo não foi estabelecido no ato do 11 de setembro de 2001, esse é um sentimento antigo que não se consegue explicar através de um único aspecto. Segundo Sardar & Davies (2002) diversas razões complexas são usadas para explicar esse ódio entre elas: Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), Organização Mundial do Comércio, Banco Mundial, globalismo e até mesmo patentes desenvolvidas na tentativa de replicar o DNA. É claro que observando de forma superficial os Estados Unidos sendo uma potência financeira e bélica está diretamente associado ao sistema do capital (De Paula, 2014).**

A imagem antecipa o debate de uma suposta separação entre governo e governados, ou seja, o aparato executivo e a população. Os americanos ditos “comuns”

passaram a desconfiar da política externa de seu país, e o quanto essas relações internacionais produziam graves consequências no seu dia a dia. O 11 de setembro cria uma enorme perturbação nos americanos e um sentimento de fragilidade, principalmente, em relação ao modo de vida e costumes da população muçulmana. Dados apontam que a dúvida que os americanos tinham sobre as ações de seus governos geraram um sentimento de ódio verdadeiro. Diversos países árabes devolveram uma cultura anti-estadunidense.



Figura 5: Peter Marlow U.S.A. New York. New York two months after the September 11th attacks. 2001. © Peter Marlow | Magnum Photos



Figura 6: Moises Saman Iraq. Baghdad, Iraq. July 2004. A man tries to tame an Arabian horse looted from one of Saddam Hussein's palaces in Baghdad, now being kept in the backyard of a house in the Sadr City district of Baghdad. © Moises Saman | Magnum Photos

A imagem do iraquiano domando o cavalo saqueado de um dos palácios de Saddam Hussein retrata uma grave consequência do 11 de setembro. A invasão do Iraque em 2003 com a suposta desculpa de que o regime de Saddam Hussein desenvolvia armas químicas com poder de destruição em massa expressa a enorme desconfiança da população mundial sobre as verdadeiras intenções norte-americanas em relação ao ataque. A derrubada do regime de Hussein, a morte de mais de 500 mil pessoas e um país devastado aumentou significativamente o ódio aos americanos. O cavalo um exemplo de dominação em tempos de guerra agora era mantido em um jardim na casa de um morador de Sadr uma cidade no distrito de Bagdá (Fainaru, 2008).

A política externa e ações dos Estados Unidos no Oriente Médio pós 11 de setembro certamente contribuíram para a perpetuação de estereótipos e preconceitos em relação aos muçulmanos e ao Oriente Médio como um todo. A resposta a este questionamento é complexa e multifacetada, envolvendo diversos fatores históricos,

culturais, políticos e sociais. Alguns dos principais fatores que podem ter contribuído para o surgimento de sentimentos de hostilidade e preconceito incluem:

1. Representações na mídia: A cobertura da mídia ocidental dos eventos no Oriente Médio tende a ser tendenciosa e sensacionalista, retratando a região como uma fonte constante de violência e instabilidade. Isso pode levar a estereótipos negativos em relação aos povos do Oriente Médio e fomentar o medo e a hostilidade.
2. Política externa americana: As ações dos Estados Unidos na região, incluindo a invasão do Iraque em 2003 e as operações militares no Afeganistão, foram amplamente criticadas por muitos no mundo árabe e muçulmano. A percepção de que os Estados Unidos estão agindo de maneira unilateral e agressiva na região pode levar a sentimentos de ressentimento e hostilidade em relação aos americanos.
3. Atentados terroristas: Atentados como os do 11 de setembro de 2001 e outros perpetrados por grupos extremistas islâmicos podem ter contribuído para a criação de estereótipos negativos em relação aos muçulmanos e ao Oriente Médio como um todo.
4. Ignorância e falta de conhecimento: A falta de compreensão e conhecimento sobre as culturas e religiões do Oriente Médio pode levar a estereótipos e preconceitos. Isso é particularmente verdadeiro em relação ao Islã, que é frequentemente mal compreendido e mal representado na cultura popular ocidental.

É importante lembrar que a hostilidade em relação aos povos do Oriente Médio não é uma característica inerente da população americana, mas é influenciada por uma série de fatores sociais, culturais e políticos. É necessário trabalhar para combater a ignorância e o preconceito e promover a compreensão e o diálogo intercultural, a fim de construir pontes entre os povos e prevenir a propagação do ódio e da intolerância.

Seção 7.4: Quarta curadoria: “conseguem me ouvir?”

A falta de comunicação e o isolamento seria a tônica da quarta curadoria nos eventos que sucederam o 11 de setembro. Nova York se cala diante da perplexidade e a não crença no que estava acontecendo. Os telefones simbolizam o silêncio do mundo face ao terror. A outra imagem dentro desta curadoria representa uma parte das inúmeras injustiças que foram cometidas a partir do ataque as torres. A tortura parece que não tem fim, começa com os traumas psicológicos sofrido pelos nova iorquinos e se estende até as prisões espalhadas pelo Iraque e Cuba (The Guardian, 2004). O impacto das imagens de torturas e humilhações dos militares americanos sobre os prisioneiros se espalharam pelo mundo trazendo constrangimento e revolta do que era feito em nome da liberdade e da paz (Leung, 2009). De certa forma as imagens das cadeias iraquianas trazem novamente o isolamento dos americanos, a mesma sensação vivida por eles no 11 de setembro, ou seja, se levanta o questionamento do preço real de um mundo livre (Islam, 2007).



Figura 7: Alex Webb USA. New York City. September 11, 2001. Abandoned telephones in the Financial District. © Alex Webb | Magnum Photos

O atentado do 11 de setembro de 2001 foi um dos principais eventos que levaram os Estados Unidos a iniciar sua guerra contra o terrorismo, que incluiu a invasão do Afeganistão em outubro do mesmo ano. A justificativa para essa invasão foi a necessidade de desmantelar a rede Al-Qaeda e capturar seu líder, Osama bin Laden, que se encontrava abrigado pelo Talibã no Afeganistão. Durante os anos seguintes, os

Estados Unidos mantiveram um grande contingente militar, apoiando o governo local e combatendo grupos insurgentes. No entanto, a guerra se prolongou por mais de duas décadas e se tornou cada vez mais impopular entre os americanos, devido ao alto custo humano e financeiro e à percepção de que os objetivos iniciais haviam sido alcançados.

A imagem do dia 11 de setembro dos telefones soltos no ar retrata a falta de comunicação que se instalou a partir daquele momento, o consequente isolamento da ilha de Manhattan pelo governo federal, e na sequência o fechamento de todo espaço aéreo norte-americano. Essa imagem também de uma certa forma antecipa o silêncio que foi imposto através do exército americano aos supostos culpados pelo 11 de setembro.

A retirada das tropas americanas do Afeganistão, concluída em agosto de 2021, pode ser vista como um desdobramento direto do atentado do 11 de setembro e da subsequente invasão do país. Após anos de combate e investimento, os Estados Unidos optaram por encerrar sua presença militar no Afeganistão, considerando que não havia mais uma ameaça direta à segurança nacional americana. Além disso, a retirada também foi motivada por questões políticas e econômicas, incluindo a pressão da opinião pública e a necessidade de redirecionar recursos para outras prioridades nacionais.

Embora a retirada das tropas americanas do Afeganistão possa ter motivos diversos, ela está indiretamente relacionada ao atentado do 11 de setembro e à guerra contra o terrorismo que se seguiu, que moldaram a política externa dos Estados Unidos nas últimas décadas.

“O governo norte-americano alega que esses detentos não fazem jus ao status de prisioneiros de guerra sob as Convenções de Genebra, as quais estipulam que PGs devem pertencer a uma "alta parte contratante" e ter operado a serviço de "forças armadas regulares" em uma guerra convencional. Cabe porém aos Estados Unidos, compreendidos sob as Convenções como a "potência detentora", tratar esses prisioneiros como PGs até que um "tribunal competente" seja instituído para decidir a questão” (Judith Butler, Novos Est. CEBRAP (77) - Mar 2007).



Figura 8: Peter van Agtmael Iraq. Taji Airbase, Baghdad. January 2005. Abu Ghraib prisoner abuse trial on TV. Embedded with the 44th Medical Command US Army. 86th CASH (Combat Support Hospital) in the Green Zone and 50th Medical Command of 101st Airborne Division Medevac. © Peter van Agtmael | Magnum Photos

A guerra do Afeganistão começou em 2001, quando os Estados Unidos, apoiados pela coalizão internacional, invadiram o país após os ataques de 11 de setembro. Desde então, o conflito tem sido caracterizado por violência, morte e sofrimento para civis afegãos, bem como para as tropas estrangeiras e os combatentes talibãs. Além da violência direta, houve muitos relatos de tortura e abuso de direitos humanos cometidos por todas as partes envolvidas no conflito (María Gómez, 2008). As forças internacionais foram acusadas de detenção arbitrária, interrogatório agressivo

e uso de técnicas de tortura, como a privação de sono e simulação de afogamento. A imagem na base de Taji retrata aspectos de crueldade que eram realizados por soldados americanos na tentativa de conseguirem informações sigilosas dos prisioneiros. Após o 11 de setembro esta base assim como várias outras foram palco e ambiente de torturas terríveis contra diversos prisioneiros de origem muçulmana. Entre as diversas penitenciárias mantidas por americanos, Guantánamo, em Cuba, é uma das mais emblemáticas. O presidente americano George Bush jamais concedeu o status de prisioneiros de guerra (Mastroianni, 2013).

“The Stanford Prison Experiment (1971) was a psychological experiment conducted by Professor Philip Zimbardo, whereby he wanted to observe the psychological effects of being a prisoner / prison guard. This study is famous for the highly unethical methodology which involved the ‘prison guards’ essentially subjecting the ‘prisoners’ to psychological torture – which was encouraged by Zimbardo as the experimenter. The experiment was stopped after only 6 days, and some people have attributed the extreme role playing by the ‘prison guards’ as being caused by the situation and the power of authority, rather than the individual personalities of the participants playing the guards” (Psych & Liverpool-Abu Ghraib: The Real Stanford Prison Experiment-2003).

Seção 7.5: Quinta curadoria: “quem é aquele caindo?”

A quinta curadoria explora o conceito de desumanidade nas relações humanas, e consequentemente, internacionais. As duas imagens expressam a ideia da queda. Neste caso, a queda de valores, de generosidade, de compaixão, de ausência de limites, de perplexidade e de terror. A primeira imagem simboliza o início de tudo. A queda de uma pessoa ainda no início do 11 de setembro de 2001 simboliza o terror, o pânico, a falta de saída e o desespero pela busca de uma solução mesmo que esta seja a morte.

Richard Drew eterniza através de sua imagem um momento crítico na história do ocidente. Em momento algum se imaginaria uma foto dessa natureza em uma circunstância tão peculiar como o ocorrido em 11 de setembro de 2001. O salto para morte de um homem retrata o começo da total existência de vida, e o pior, as consequências futuras deste ato. Todo desdobramento das ações que tiveram início naquela manhã marcariam o começo uma nova relação entre o ocidente, seus costumes, crenças e perspectivas, e todos os seus supostos oponentes.



Figura 9: The Falling Man is a photograph taken by Associated Press photographer Richard Drew of a man falling from the World Trade Center during the September 11 in New York City

Após um longo tempo de negociações, iniciadas ainda na era Obama, os Estados Unidos decidem sair do Afeganistão. Na ocasião, fevereiro de 2020, houve a assinatura de um acordo estabelecido entre o governo americano e a República Islâmica do Afeganistão conhecido como tratado de Doha. Entre os principais pontos no acordo se encontra: i) o não uso do território do Afeganistão para abrigar grupos terroristas; ii) um tempo hábil para a retirada das tropas dos Estados Unidos do território afegão; iii) a negociação de um acordo entre a República do Afeganistão e o Talibã; iv) e o cessar fogo no país (Dora Agreement, 2020). Na sequência da quinta curadoria a imagem representa o suposto fim da guerra (Araújo Rodrigues, 2022). A retirada das tropas americanas de Cabul, Afeganistão, marca de maneira trágica a queda de passageiros tentando alcançar a liberdade ao término de 20 anos de uma luta sangrenta que teve início no 11 de setembro. Os passageiros presos na fuselagem do avião lutavam pela vida no último dia de guerra. Em essência, a guerra ao terror foi vendida ao mundo como uma forma de buscar a liberdade, de caçar aqueles que eram contra um mundo livre sem violência. A ideologia da guerra ao terror foi justificada pelo próprio sentido de um estado democrático com plena liberdade e garantia de paz entre os povos. Os Estados Unidos tomaram a frente desta iniciativa baseado nas ocorrências do 11 de setembro. Mas o que se observou realmente foi que em nome da busca de um mundo livre, se encontrou um número incontestável de mortes, um escalonamento na discriminação religiosa, países que se tornaram inimigos de uma suposta coalizão ocidental pelas virtudes. A imagem da queda de pessoas retrata a exata retirada atabalhoada das tropas americanas que deveriam ter por objetivo essencial proteger aquela população. **Existia uma percepção concreta que a saída das tropas americanas**

representaria um risco real para a população do Afeganistão. Essa percepção era verdadeira baseado nas ocorrências que se sucederam após a retirada do exército americano. Em agosto de 2021 o grupo fundamentalista retoma a capital do Afeganistão, Cabul, e se instaura um retorno ao passado, em especial, o que diz respeito aos costumes e o tratamento das mulheres. O controle do país pelo grupo se deu semanas após a saída dos Estados Unidos.



Figura 10: INDIA TV. Kabul, people falling from US Army airplane

A primeira imagem da queda era a propaganda necessária para se mudar a percepção do mundo sobre os atos que iriam acontecer, e a segunda imagem era que aquela noção de liberdade, ou busca pela democracia não seria para todos. **As imagens quase que se sobrepõe, o que muda é o cenário. O sentido de queda é o fato comum, ou seja, o que liga as duas fotos. O desespero capturado pelas fotos manda ao mundo diversas mensagens, talvez a mais visível entre muitas, seja a falta de liberdade, e o que**

este conceito pode produzir de danos. O curioso é que as duas imagens são provocadas pela ausência da possibilidade de se ter uma opção, aquilo que talvez seja mais sagrado na constituição americana a primeira emenda.

Seção 8: Considerações Finais

A partir deste artigo a técnica de Aby Warburg parece ser uma metodologia para análise de conteúdo. A combinação de imagens permite dentro da curadoria a sincronização entre fatos, ideias e narrativas. A técnica estabelece pelo prisma visual estabelecer um certo grau de causalidade ajudando ao leitor a associar fatos históricos, possibilitando ampliar narrativas e interpretações sobre um dado momento no tempo. A ferramenta imagética traz consigo a maneira prática de entender, construção de memória e criação discursiva. No seu âmbito institucional é selecionada e elencada de forma a construir histórias que justificam atos históricos. A curadoria que esse artigo tenta montar conta uma parte da história de uma produção internacional para políticas antiterroristas. As evidências não se concentram em tais políticas, mas sim na força das visualidades dos acontecimentos que se desencadearam a partir das colisões dos aviões. A complexidade dos enredos e suas consequências se mostram na maneira com que os elementos de um fato social são ajeitados dentro de uma quebra-cabeça.

Referências

- Amnesty International (2006). Beyond Abu Ghraib: detention and torture in Iraq, March.
- Barthes, Roland (1984). A câmera clara: Nota sobre a fotografia. Tradução Júlio Castanon, Editora Nova Fronteira. ISBN: 85-209-0480-7, Rio de Janeiro, Brasil.
- Berger, Peter L & Luckmann, Thomas (2007). A construção social da realidade. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bishop, Claire (2015). O que é um curador? A ascensão (e queda?) do curador autor. Concinnitas, Rio de Janeiro, v. 2, n. 27, p. 270-282.
- Bleiker, Roland (2018). The Power of Images in Global Politics. E-International Relations p. 1-6.
- Butler, Judith (2007). O Limbo de Guantánamo. Novos Estudos 77 pp. (223-31).
- Cardim, Leandro Neves (2007). A Ambigüidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, SP.
- Corrêa, Ronaldo de Oliveira (2013). Uma breve história da Curadoria - Iluminuras, Porto Alegre, v.14, n.32, p.216-222, jan./jun.).
- De Paula, Felipe Dias (2014). Antiamericanismo: A construção de uma Tipologia Teórica e Empírica. Monografia do Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Department of Homeland Security (2002). Proposal to Create the Department of Homeland Security.
- Department of Homeland Security (2019). Strategic Framework for Countering Terrorism and Targeted Violence.
- Didi-Huberman, Georges (2013). Diante da imagem. Editora 34. São Paulo, 2013.

Dora Agreement (2020). Joint Declaration between the Islamic Republic of Afghanistan and the United States of America for Bringing Peace to Afghanistan

Drew, Richard (2001) (Figura 9). The Falling Man is a photograph taken by Associated Press photographer of a man falling from the World Trade Center during the September 11 in New York City, USA.

Fainaru, Steve (2008). *Big Boy Rules: America's Mercenaries Fighting in Iraq*. Cambridge: Da Capo Press. ISBN 978-0306818387.

Fernandes de Araújo Rodrigues, R. (2022). Uma guerra nunca acaba: memórias da Guerra do Afeganistão. *História Oral*, 25(1), 271–274.

Fisk, Robert (2001). O terrorista suicida veio para ficar. Folha de S. Paulo. Caderno Especial. São Paulo, 14/09, p. 19.

Gómez J, María (2008). Soberania imperial, espaços de exceção e o campo de Guantánamo: desterritorialização e confinamento na "guerra contra o terror". *Contexto Internacional*, vol. 30, no 2, maio/agosto, p. 267-308.

Hoepker, Thomas (2001) (Figura 2). Young people relax during their lunch break along the East River while a huge plume of smoke rises from Lower Manhattan after the attack on the World Trade Center Brooklyn, New York. September 11, 2001. © Thomas Hoepker (Magnum Photos).

India TV (2021) (Figura 10). People falling from US Army airplane at the Kabul Airport, Afghanistan.

Islam, Syed Serajul (2007). Abu Ghraib: Prisoner Abuse in the Light of Islamic and International Laws. *Intellectual Discourse*, Vol 15, N^o 1, 15-35.

Jařab, Josef (2005). Media and terrorism. Report Committee on Culture, Science and Education, Doc. 10557, May, pags (1-37).

Kossoy, Boris (2002). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3. ed. São Paulo: Ateliê.

Leung, Rebecca (2009). "Abuse at Abu Ghraib," CBS News, February 11, http://www.cbsnews.com/2100-500164_162-615781.html.

Lima, Leonardo Perez (2005). Terrorismo, doutrina Bush e a estabilidade do Sistema internacional. *Fronteira*, Belo Horizonte, junho, v. 4, n. 7, p. 109-131.

Magalhães, Ana Gonçalves (2018). Expor e colecionar: a formação de acervos de arte moderna e contemporânea entre o MAM e o MAC USP. In: *MAM 70, 1948-2018*. São Paulo: MAM: MAC USP, p. 25-40.

Magalhães, Ana Gonçalves & Costa, Helouise (2021). Breve história da curadoria de

arte em museus. Anais do Museu Paulista São Paulo, Nova Série, vol. 29, 2021, p. 1-34 e 15.

Marlow, Peter (2001) (Figura 5). New York two months after the September 11th attacks. USA. New York. 2001. © Peter Marlow (Magnum Photos).

Mastroianni, George R. (2013). A War Examined: Allies and Ethics Looking Back: Understanding Abu Ghraib, Parameters 43(2), Summer.

McCurry, Steve (2001) (Figure 1). The collapse of WTC seen from a roof at Washington Square Park and Fifth Avenue. New York City, USA. September 11, 2001. © Steve McCurry | Magnum Photos.

Mello e Souza, André, Nasser, Reginaldo Mattar & Fracalossi de Moraes, Rodrigo (organizadores) (2014). Do 11 de setembro de 2001 à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI /: Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Mello e Souza & Fracalossi de Moraes (2015). Coalizões Globais Lideradas pelos Estados Unidos na Guerra ao Terror (2001-2011): Para Além do Unilateralismo Contexto Internacional – vol. 37, no 2, maio/agosto.

Mineo, Liz (2021). Born to take on Islamophobia: Muslim Americans who endured post-9/11 bias see solutions in education, political involvement. The Harvard Gazette, September vol.9.

Panitch, Leo & Gindin, Sam (2012). The Making of Global Capitalism: The Political Economy of American Empire. Editora Verso. ISBN: 1781681368.

Rancière, Jacques (2001). De uma imagem à outra? Deleuze e as eras do cinema. Tradução para o português de Luiz Felipe G. Soares. Texto original em francês publicado em. La fable cinématographique. Paris: Le Seuil.

Rand, Steven & Kouris, Heather (Orgs.) (2007). Cautionary Tales: Critical Curating Edited by ISBN: 978-1-933347-10-3. Published: Aexart, New York, NY 10013.

Rodrigues dos Santos, Camila (2019). Aby Warburg, a função rememorativa das imagens e o tempo: relatos e análises de Didi-Huberman acerca da sobrevivência das imagens. Revista Temática, Julho v. 15 n. 7.

Santos, Lucas Buzinaro (2019). A Alteração da Política Externa Estadunidense pós-11 de setembro: a Guerra ao Terror entre teorias e práticas Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Saman, Moises (2004) (Figura 6). A man tries to tame an Arabian horse looted from one of Saddam Hussein's palaces in Baghdad, now being kept in the backyard of a house in the Sadr City district of Baghdad. Baghdad, Iraq. July 2004. © Moises Saman (Magnum Photos).

Sardar, Ziauddin & Davies, Merryl Wyn (2002). Why do People Hate America? New York: The Disinformation Company.

Schneider, Greg & Hilzenrath, David S. (2001). An Icon of Capitalism: 'Now It's All Gone'. The Washington Post September 12.

Shapiro, Michael J. (2007). The New Violent Cartography Security Dialogue vol. 38, no. 3, September.

Shields, David (2015). War Is Beautiful: The New York Times Pictorial Guide to the Glamour of Armed Conflict. New York: Power House Books.

The Guardian (2004). "US Marines Plead Guilty to Prisoner Abuse," June 3.

Towell, Larry (2001) (Figura 3). A dazed man picks up a paper that was blown out of the towers after the attack on the World Trade Center, and begins to read it. USA. NYC. 9/11/2001. © Larry Towell (Magnum Photos).

van Agtmael, Peter (2006) (Figura 4). Graffiti written by soldiers on the walls of bathroom stalls. Kuwait, Ali Al Salem. 2006. © Peter van Agtmael (Magnum Photos)

van Agtmael, Peter (2005) (Figura 8): Ghraib prisoner abuse trial on TV. Embedded with the 44th Medical Command US Army. 86th CASH (Combat Support Hospital) in the Green Zone and 50th Medical Command of 101st Airborne Division Medevac. Iraq. Taji Airbase, Baghdad. January 2005. Abu © Peter van Agtmael (Magnum Photos).

Webb, Alex (2001) (Figura 7). New York City, USA. September 11, 2001. Abandoned telephones in the Financial District. © Alex Webb (Magnum Photos).

Weitsman, P. A (2003). Alliance Cohesion and Coalition Warfare: The Central Powers and the Triple Entente. Security Studies, v. 12, n. 3, p. 79-113.

Wellausen, Saly da Silva (2002) Terrorismo e os atentados de 11 de setembro. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(2): 83-112.

Zimbardo, Philip G. (1971). Stanford Prison Experiment. <https://exhibits.stanford.edu/spe/catalog/xc378df1832>